

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 1 DE SETEMBRO DE 1883.

N. 10.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1883.

### O AR

(Continuação)



Oxigenio e azoto. — Quantidade em que entram. — Processo Scheele. — Ibidem de La voisier. — Inconvenientes d'estes processos. — Endiometro de Gay-Lussac. — O ar é uma mistura.

UE o ar era composto de *oxigenio* e *azoto*, era questão já por demais provada; saber, porém, em que porções elles entravam em sua composição é que ainda não se tinha descoberto.

Esta gloria estava reservada ao chimico sueco Scheele, que morreu em 1786, com 44 annos de idade, que, se não determinou de um modo exacto esta proporção, indicou os meios que os seus continuadores deviam seguir para determinal-a exactamente. O seu processo consistia em fazer absorver o *oxigenio* do ar, por uma mistura humida de limalha de ferro e enxofre em pó, dentro de um provete graduado; por meio d'este processo reconheceu que o *oxigenio* ocupava um quarto do volume do ar. Lavoisier tambem procurou determinar a quantidade de *oxigenio* do ar, servindo-se do mercurio para absorvel-o.

Tanto o processo empregado por Scheele como o empregado por Lavoisier, não determinaram exactamente o volume de *oxigenio*: o primeiro dava uma quantidade maior, porque a limalha de ferro não só absorvia o *oxigenio*, como tambem uma pequena quantidade de *azoto*; o segundo, porque o mercurio não absorvia todo o *oxigenio*, dava uma quantidade muito pequena.

Sendo os resultados das experiencias d'estes dois sabios, muito diferentes um do outro, havia, necessariamente, defeitos que era preciso corrigir e a isso se propuzeram Gay-Lussac e Humboldt, sendo suas experiencias coroadas de feliz exito, graças ao *endiometro* de mercurio. Estes sabios acharam que, em 100 volumes de ar, existiam 21 volumes de *oxigenio* e 79 volumes de *azoto*.

Por ser algum tanto complicados, a marcha e os apparelhos empregados n'esta experientia, não me deterrei sobre ella: prefiro expor com alguns detalhes o metodo seguido por Dumas e Boussingault para dosagem, em peso, dos elementos do ar. Convém, porém, notar que são hoje inumeros os processos para se obter exactamente a composição do ar atmospherico,

entre os quaes devemos notar além dos já citados, os dois seguintes:

1.º Combustão do phosphoro no ar e dosagem, em volume, do *azoto* restante; podendo-se substituir o *phosphoro* pelo *acido pyrogallico*.

2.º Dosagem em peso pelo metodo de Dumas e Boussingault, que consiste em um ballão de vidro, sem ar, comunicando com um tubo cheio de cobre metallico e munido de torneiras; nas extremidades, depois de se haver determinado com o maior cuidado possivel, o peso d'este tubo, esquenta-se até tornar-se encarnado o cobre que elle contém, e abre-se a torneira que o communica com o ar exterior. A medida que o ar afflue ao tubo, vai abandonando ao cobre o seu *oxigeno*, e o *azoto* livre, recolhe-se ao ballão vazio; quando este ballão está cheio, ou quasi cheio, fecham-se as torneiras. Pesa-se então o ballão cheio de *azoto* e a diferença, entre esse peso e o peso do mesmo ballão vazio, nos dará o peso do *azoto*.

Para se saber o peso do *oxigeno* basta vêr tambem o excesso de peso que adquiriu o tubo que contém o cobre.

A media das analyses feitas por Dumas e Boussingault, deu para 10,000 grammas de ar: *oxigenio* — 2,301 grammas e *azoto* 7,699 grammas.

Obtendo-se o volume de um gaz, por meio da divisão do peso deste gaz por sua densidade, e sendo a densidade do *oxigenio* de 1,106 e a do *azoto* de 0,971, temos: —  $2301 \div 1,106 = 2080$  litros; e  $7699 \div 0,971 = 7920$  litros. Sommando estes dois quocientes teremos 10000 litros e dividindo ambos os quocientes, por 100, sua relação não mudará: temos  $20,80 \div 79,20 = 100$  litros de ar. Comparando estes dois ultimos resultados com os achados por Gay-Lussac e Humboldt, vemos que a diferença é insignificante.

Se recolhermos porções de ar, em diversos pontos do globo, por maior que seja a diferença, quer em latitude, quer em longitude, \*) quer em altura, e as submettermos á uma analyse, veremos que a proporção entre o *oxigenio* e o *azoto* em nada se altera.

Esta constancia, na composição do ar, levou a conclusão erronea de que o ar era uma combinação de *oxigenio* e de *azoto*.

Estes dois gazes, reunindo-se para formar o ar, não formam mais que uma simples *mistura*, pois elles não têm o menor desprendimento de calor ou de electricidade; phenomenos estes que acompanham toda e qualquer combinação. Emfim, a agua dissolvendo o ar, não dissolve como dissolveria uma combinação boa, isto é, dissolvendo as partes componentes desta combinação, em partes iguaes: dissolve cada um de seus elementos, segundo sua solubilidade particular.

(Continua) J. C.

\*) Chama-se latitude a distancia em gráos contados do Equador, quer seja para o norte, quer seja para o sul.—Longitude a distancia tomada para Este ou para Oeste, de um ponto arbitrario.

## QUEIXA-TE AGORA

No recinto d'um theatro se ostentava,  
De hombros nus, respirando só vaidade,  
Uma d'essas tentações que á humanidade  
Sorrindo, atraia e fascinava.

Não podendo dominar a tempestade  
Que dentro do seu peito a bella ateava,  
Um janota, que por ella se babava,  
Entreviu n'um sorriso a felicidade

E então lhe disse : « O' pura fada  
De quem não ha rival em todo o sólo !  
Minh'alma te idolatra inebriada ! »

E a fada decantada (O' desconsolo !)  
Responde-lhe em vaidosa gargalhada :  
« Ora vá passear ; não seja tolo ! »

Rio, Agosto de 83.

E. A. AGUIAR.



## Confidencias

ada ha que mais irrite do que a crueldade  
que se manifesta sob a capa da delicadeza : e tu, na resposta á minha carta, foste  
delicado, mas cruel...

Irritei-me.

Senti o azorrague avelludado da tua  
critica sobre o meu estado psychologico.

Folgo em dizer-te, porém, que as tuas  
pancadas não produziram o menor resultado : cada  
vez minha existencia se absorve mais na salutar atmos-  
phera amorosa.

Accentúa-se mais o meu horror á realidade das  
cousas ; e desde que deixei esse viver material e entrei  
no mundo da poesia, corre-me aqui a vida entre as flo-  
restas risonhas da felicidade.

Sou feliz.

Convivo com os poetas porque só elles me enten-  
dem.

O meu culto aos entes amados vai augmentando  
prodigiosamente ; e creio não estar longe o dia em que  
hei de attingir á suprema ventura...

Oh ! então serei um heróe !

Escrevi « entes amados » e não menti ; porque, a  
fallar a verdade, já são muitos os anjos que eu adóro.

Não te admires da *abundancia* : ella provém, mo-  
destia á parte, da galanteria que eu dispenso ás formo-  
sas deusas, quando caminho com o meu passo caden-  
ciado, em postura garbosamente senhoril, dando ao  
corpo uns brandos requebros provocadores.

Além disso, possuo tambem a sciencia de lançar  
á beldades olhares magneticos, capazes de immobili-  
sarem reptis.

Entendo de modas e de etiquetas como o mais  
afiambrado diplomata.

Dos meus antigos habitos apenas resta a tradição.

Sinto-me bem n'esta nova vida.

Bemposta hora foi, pois, aquella em que eu fugi  
desse mundo grosseiro e perigoso, para entrar triun-  
phante n'esta esphera pura, cheia de luz suavissima  
e tão prodiga de beneficos, que os seus felizes habi-  
tantes, têm a rara percepção das cousas divinas.

Pódes encolerisar-te á vontade : a minha alegria  
estará sempre na razão directa de tua colera...

\* \* \*

Continuas a ser para mim o repetidor massante de  
cantilenes mais que sabidas.

Começas a tua carta queixando-te da minha cruel-  
dade : isso é velho.

Folgas em dizer-me que eu malhei em ferro frio :  
tanto peior para ti.

Só os poetas te entendem : dou-te os pezames.

Cresce a tua adoração ás pessoas queridas e acredi-  
tas estar proximo o dia do *consummatum* : espero a  
tua *canonisação*, para depois dizer : — quem te co-  
nheceu páu de laranjeira !...

Dizes que amas muitos anjos : tens um coração-  
estalagem...

Quanto á origem da *abundancia*, ser a galanteria  
que tu dispensas para todos os lados e uns *encantos*  
*physicos* que julgas possuir, — creio em tudo isso ; e  
não me admirou, porque lembro-me de ter visto um  
urso que tambem fazia essas *partes*...

Se immobilisares os reptis como immobilisastes o  
juizo, dou-te os parabens pela força magnetica dos  
teus olhos.

E's doutor formado em modas e etiquetas : has de  
lucrar muito com isso...

Reconheço a tua transformação e concluo que tu  
estás como o *fado* de Lisboa — *virado da cabeça até  
aos pés*...

Sentes-te bem n'essa vida e bemdizes a hora em  
que deixaste este mundo infernal e estupido para ires  
viver nesse outro, cujos habitadores percebem as cou-  
sas divinas.

Não quero, de maneira nenhuma, perturbar a tua  
felicidade ; porém, seja-me permitido tirar-te desse  
*engano d'alma ledo e cego* :

Suppões que sahiste do inferno e que entraste no  
céo ?

Não ha tal !

Sucedeu comigo o que tem sucedido a muita  
gente boa : morrer para o mundo real e entrar, embora  
triumfalmente, na posteridade... dos malucos.

J. REIS.

## A' ANTÃO FRAGA

Encaro a vida um oceano  
de ondas altas e turvas,  
que meu barco, á todo o panno,  
vae singrando em linhas curvas,  
n'um labor eterno e insano.

Navego ! E levo ao leme  
o meu destino risonho.  
O mar revolto não teme  
o meu batel ; que o meu senho  
endeixas de amor só geme !

Navego ! oh ! mar irado !  
Ruge embora ; não te temo !  
Demando o porto que o fado  
deu-me ao batel e ao remo  
que as aguas corta adextrado.

Navego ! Não vês que as aguas  
caminho me vão abrindo ?  
Sem temor zombo das maguas.  
Altivo fito sorrindo  
funestas e duras fraguas.

Navego ! Não vês, maldito,  
que abre-te a face a quilha  
do barco ? Não sou precito ;  
a minha bussola é filha  
dos designios do Bemrito.

Ha escolhos no teu leito ?  
— A luz me mostra o perigo !  
Temporal ? — Eil-o desfeito !  
Trago a bonança commigo,  
pois tenho a fé por preceito.

Ruge ; que o furacão  
no meu velame emmudceee !  
Brame ; que o fim da ação  
diviso além, que apparece  
no porto da salvação !

Navego ! Beija-me a briza  
a cabeça descoberta.  
Ufano o barco desliza  
em linha, trilhando, certa,  
das ondas na face lisa.

E canto sentado, á prôa,  
a toada dos amores.  
Não em vão e não atôa :  
formando pendões de flores  
a musa púrrando, vôlea.

Vôa, sim, buscando a palma  
da divindade suprema  
para, á rainha d'est'alma,  
qual brilhante diadema,  
coroar a fronte calma !

Vôa buscando um ramo  
das florinhas da manhã,  
as flores que mais eu amo,  
para brindar minha irmã,  
do meu lar o gaturamo !

Vôa soltando um threno,  
e longe, bem longe vae,  
ás plantas do Nazareno  
pedir um hymno á meu pai,  
que a rir me fita sereno !

Vôa... sim !... Suspirei  
que tambem apôz o seio  
casto e puro que sonhei,  
onde eu possa, em doce anseio,  
segredar, sorrir... eu sei !

DUARTE PORTO JUNIOR.

## Um juramento fatal

AO MEU AMIGO ANTONIO DO NASCIMENTO LUIZ MONTEIRO

Distincto oficial da Marinha Portugueza.

o dia 27 de Agosto de 1830 achava-se o brigue *Calypso* na latitude de 27,0, 48,1, e 6,11.

Soprando com violencia o noroeste, o brigue corria como se fosse um vapor; com o pano todo largo o *Calypso* parecia desafiar o furor das vagas e o soprar medonho dos ventos.

Batia meia noite na sineta de bordo; n'aquelle momento acabava o capitão de tomar conta do *quarto*. A noite não convidava para se permanecer no convéz do navio, mas o regulamento, a boa ordem e disciplina, exigem do marinheiro este sacrifício.

Dous marinheiros conversavam no castello da prôa, encostados ao *cabrestante*; um delles fallava bem animado ao seu companheiro; um era ainda moço, e em nada se parecia com os verdadeiros typos marítimos.

O mais velho, sim, esse era um marinheiro em tudo; fumando cachimbo, e de vez em quando olhando para os topes dos mastaréos, Fernando Trafaria (era este o seu nome) era um marinheiro como são todos aquelles que já viram e passaram o Cabo das Tormentas.

A conversa estava animadissima; para podermos ouvir melhor é necessário encostarmo-nos á amurada de bombordo.

— Fica certo, Fernando, dizia o moço marinheiro, — é um juramento, a que estou ligado, que me obriga a seguir a vida do mar; juramento que hei de cumprir com sacrifício até da propria vida. Ainda me lembro do dia, hora e época em que proferi o sim d'esse juramento.

Escuta, Fernando, o que te vou narrar; é a ti, e só a ti, que revelarei este segredo; a ti, sim, que me tens servido de pai e de mestre, o que deveras agradeço do fundo do coração.

— Eu não passo d'um simples marinheiro, Sr. Alberto; e se lhe ensinei algumas manobras de bordo, é porque sinto cá dentro do coração *umas certas cousas*; e mesmo porque desde o dia em que Vmçê. pizou a bordo do *Calypso*, eu fiquei logo *sympathizado* comsigo.

— E's um simples marinheiro, Fernando; porém dentro do teu peito pulsa o coração de um homem honrado e nobre, pelas accções que praticas todos os dias.

— Ora não falle n'isso Sr. Alberto, atalhou o velho marinheiro; diz o dictado — *aguas passadas não movem o moinho...* E de mais a mais, eu estou prompto a ouvir o que o fez seguir a vida do mar.

— Pois bem, ahi vae em poucas palavras: No mez d'Abrial de 1819 chegava da India a galera *Syracusa*, com um importante carregamento; o capitão da *Syracusa*, era meu pae. Tinha sete annos, pouco mais ou menos, quando eu e minha mãe fomos a bordo abraçar o meu bom pae, que acabava de chegar de uma viagem tão longa e perigosa.

Ainda a *Syracusa* não tinha ancorado no formoso Tejo e já eu estava agarrado ao cabo da escada, prompto para saltar para dentro do navio.



D'ahi a cinco minutos estávamos, eu, meu pae e minha mãe a nadar em jubilo e a dar abraços saudosos.

Meu pae disse á minha santa mãe, que fosse para a camara, pois que ainda tinha de ordenar algumas manobras e não era conveniente a nossa presença ali, no convéz. Os marinheiros corriam alegres a executar as manobras; e como se achassem na sua patria, perto de suas familias e livres dos perigos do mar, para elles tudo se tornava facilimo e motivo de alegres cantigas. A's 2 horas da tarde partimos de bordo para casa.

Meu pae nada contou sobre a viagem; ao terceiro dia é que elle referiu o que houve de mais importante, terminando por dizer que nunca fizera uma viagem tão cheia de peripecias, como aquella que acabava de fazer.

— Devia ser uma viagem levada de todos os diabos, replicou o velho marinheiro; ora eu que conheci seu pae como conheço a agulha de marear, é que posso fallar: seu pae era um marinheiro destemido, nada lhe mettia medo: era-lhe tão indiferente ouvir o rugir da tempestade a querer despedir o navio, como era-lhe indiferente o ouvir as vozes dos seus marinheiros a virar ao cabrestante.

Firme no seu posto, contemplando o horizonte, elle, calmo e sereno, esperava a tempestade a pé firme sem querer recolher-se á camara.

Rio, 12 de Junho de 1883.

(Continua).

INNOCENCIO CRUZ.

## RECORDAÇÃO

O *u* meu passado de sãs recordações,  
Quadra risonha e bella de creança,  
Tão colorida e cheia de fulgurações,  
Que se desenha bem no fundo da lembrança:

Tu me trazes junto ás minhas illusões,  
Que vicejam regadas pela esperança,  
Tantas docuras e suaves emoções,  
Que minh'alma em retel-as não descansa...

Se penetra, porém, o meu pensar ardente,  
Atravez das dobras tuas do occidente,  
E quando juro não te esquecer jamais:

Vou me sentindo envolvido em tristuras  
E envestigando bem tuas planuras  
Lembro-me do meu lar e de meus paes...

Agosto, 19 de 1883.

AVELINO LISBOA.

## UMA PAGINA TRISTE

*E*u era pequeno; contava apenas onze annos de idade, quando, em copioso pranto, me bani da patria.

Foi em uma manhã de Junho; o sol principiava a despontar no horizonte, dissipando a cerração propria do inverno.

Os passaros, em mavioso canto, enviam-me um adeus tão triste, como era triste o soluçar de minha mãe. Havia chegado o momento da partida.

Abracei meu pae, confundi as minhas lagrimas com as de minha mãe, e lembrei-me, então, de minha idolatrada irmãsinha que ainda dormia. Entrei no seu quarto, e não querendo dispersal-a, beijei-a na fronte e parti...

Chegado ao Rio de Janeiro, e empregando-me no commercio, tinha só um pensamento: tornar-me, quando homem, o arrimo d'aquelles a quem eu devia o ser.

N'esta esperança trabalhava, quando, no fim de quatro annos, soube da morte de meus paes e do casamento de minha irmã; rezei pela tranquillidade d'aquelles e pela felicidade d'esta. Quanto a mim, tendo perdido meus paes, nada me restava n'esta vida.

Minha irmã? — esta tinha seu esposo, e, por conseguinte, a quem dar o seu amor.

Eu estava, pois, isolado; trabalhava para não tornar-me um cancro social, e sem crenças, vivia para não vegetar! Tres annos se passaram sem que o meu viver mudasse. No fim deste tempo, fui apresentado a uma familia, onde existia uma menina, tão bella como os amores d'um anjo.

Pouco tempo depois de frequentar a casa, eu conheci que já não era o mesmo homem, frio e indiferente a tudo que se me apresentasse. Não! Essa creança, com o seu olhar meigo e doce, havia me transportado aos páramos grandiosos do amor e da poesia.

Meu coração, já morto e ulcerado por tantos e tantos sofrimentos, despertara cheio de esperança e de alegria.

Eu amava-a muito... mesmo com delírio!...

Uma noite declarei-lhe os meus sentimentos; ella círou, curvou a loura cabecinha, e murmurou como se eu não estivesse ali: « Eu tambem o amo muito... muito, muito, meu Deus! »

Ouvindo estas palavras pronunciadas por tão purpurinos labios, senti a embriaguez da felicidade passar-me pela imaginação, e ia ajoelhar-me a seus pés, quando vi-a desaparecer qual visão sublime no cerebro d'um poeta!

Não tardou muito, porém, que ella viesse á sala com sua mãe. Eu estava radiante! Então conversamos muito, e quando retirei-me eram já onze horas! E todas as noites isto se repetia; os nossos corações, um ao pé do outro, batiam fortemente como o marulhar das vagas na immensidão do mar. Oh! como era doce a minha existencia matizada de tanta esperança e de amor! O meu olhar fitava-se no horizonte, e ahi o porvir, esse ponto luminoso, me extasiava a alma, e me prendia a vista. Quantas e quantas vezes, adormecendo, sonhei venturas, por sobre as ondas, em batel de amor! E quizera não ter despertado nunca.

Um domingo dirigi-me alegre á sua casa; eram cinco horas da tarde, pouco mais ou menos. Ao subir, porém, as escadas d'aquelle mimoso chalet, collocado em um dos mais proximos arrabaldes, senti violentamente bater-me o coração, e uma nuvem negra toldar o firmamento da minha esperança.

Parei; tremor convulso agitou-me o corpo, e doloso presentimento atravessou-me o cerebro.

Quiz retroceder, e as minhas pernas permaneciam immoveis; quiz fallar e um gemido me saiu do peito; entretanto, subi. Sua mãe ahi estava e recebeu-me friamente. Ella, o alvo dos meus sonhos, nem sequer apareceu-me.

Quiz indagar o motivo de sua ausencia e não o fiz; lia na fronte de sua mãe a infamia tramada contra mim. Retirei-me, ou por outra, fui d'ahi para dar livremente expansão aos meus sofrimentos. Chegando á casa, cahí prostrado no meu leito, e, durante toda a noite, delirei; vi negras visões, e entre elles, o escarneo d'essa creança, a quem eu havia dedicado toda a minha vida.

No dia seguinte não consegui levantar-me; a dôr havia se apossado de meu corpo, roubando-lhe todas as forças. Ao meio dia recebi uma carta; a letra era de mulher, e o carimbo do correio era da caixa urbana.

Febrilmente rasguei o involucro e li:

« Estou em casa de minha tia; escrevo-te ás pressas e com o coração trespassado por intima e cruciante dôr:

Minha mãe, levada por conselhos de meu irmão, quer separar-me de ti para casar-me rica; porém, isto é impossivel; meu coração é teu e teu até eu exalar o ultimo suspiro. Sou tua; portanto, crê em Deus e no meu amor.

Na vida e na morte, sempre tua.

A...»

Eu havia terminado; uma lagrima, deslizando-se pelas minhas faces, foi humedecer aquellas letras, repetidas vezes osculadas por meus labios. Eu soffria horrivelmente, e, entretanto, considerava-me feliz, porque era amado por um anjo.

No dia seguinte levantei-me; muitas vezes tive vontade de dirigir-me á sua casa, mas recuei ante a lembrança de que eu era pobre, e que não podia offuscar a vista d'aquelle que, á troco de um punhado de ouro, tentavam atassalhar os sentimentos de uma creança aos treze annos de idade!

Eu recuava... recuava porque não queria expol-a a tão ferozes alegres.

D'ahi a cinco dias, partia eu para visitar minha irmã que se achava doente. Aggravando-se a sua molestia fui obrigado a demorar-me oito meses.

No fim d'este tempo regressei, e quando dirigia-me para os lados de sua casa, encontrei um amigo que, ao estender-me as mãos, exclamou:

— Oh! bons olhos te vejam; ha mais de um anno que te sumistes! Mas, o que é isto? estás magro, quasi que não te conheci!

— Apezar de não ser como tu, que nada te impressiona, eu sinto-me muito robusto...

— Nada me impressiona? ora esta! pois não sabes? estou inteiramente apaixonado por uma mulher que é capaz de fazer-me deixar a bella vida de solteiro,

— Ella tambem está apaixonada por ti?

— Ora que pergunta! está loucamente apaixonada; agora mesmo venho eu de lá e trago aqui uma carta que ella me entregou. Se queres, lê.

Tomei a carta e abri; foi-me preciso fazer um esforço supremo para não soltar um grito de dôr; eu havia reconhecido a letra da mulher que jurou amar-me eternamente. A sua assignatura confirmava; não havia, pois, que duvidar: a ingrata tinha cruelmente perjurado. Restitui-lhe a carta, trocamos mais algumas palavras e nos separamos. Cheguei á casa com a desesperação da loucura e nem sequer verti uma lagrima; a minha dôr era reconcentrada, immensamente forte e terrível, como são todas as dôres, para as quaes não se encontra lenitivo.

Lancei, então, o meu desprezo á face da sociedade e occultei, resignado, os meus sofrimentos.

Hoje sou um corpo sem vida, qual naufrago, já morto, em alto mar boiando! . . .

Corte — Junho, 1883.

ARNALDO DANTAS.

#### EXPEDIENTE

A secretaria do Centro Litterario é na rua de S. Pedro n. 147, 1º andar.

Durante o mes que findou recebemos todos os jornaes relacionados no nosso ultimo Expediente e mais os seguintes:

Da província da Bahia: — *O Direito*.

Da província de S. Paulo: — *A Republica* — que é um modelo de impressão e excellente colaboração.

A *Evolução*. — Recebemos o 2º e o 3º numero d'esta importante revista scientifica e litteraria que se impõe pela sua excellente colaboração e nitidez typographica.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda, 31.